

ARRUINADOS ^{pele} pelo AMOR de DEUS



YAGO MARTINS



ARRUINADOS
pelo AMOR
de DEUS

O QUE JONAS E NAUM NOS ENSINAM
SOBRE JUÍZO, GRAÇA E RESTAURAÇÃO



mundocristão

Copyright © 2025 por Yago de Castro Martins

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Almeida Atualizada* (NAA), da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M347a

Martins, Yago

Arruinados pelo amor de Deus : o que Jonas e Naum nos ensinam sobre juízo, graça e restauração / Yago Martins. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2025.

272 p.

ISBN 978-65-5988-429-2

1. Bíblia. A.T. Jonas - Crítica e interpretação. 2. Bíblia. A.T. Naum - Crítica e interpretação. 3. Profetas - Crítica e interpretação. I. Título.

25-96800.0

CDD: 224.9

CDU: 221.7(38)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Edição

Daniel Faria

Preparação

Matheus Fernandes

Revisão

Guilherme H. Lorenzetti

Produção

Felipe Marques

Diagramação

Gabrielli Casseta

Colaboração

Ana Luiza Ferreira

Capa

Guilherme Match

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão

Rua Antônio Carlos Tacconi, 69

São Paulo, SP, Brasil

CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

www.mundocristao.com.br

Categoria: Espiritualidade

1ª edição: maio de 2025

*Para Davi Vitor Macedo Madureira,
irmão de serviço e parceiro no ministério,
por nunca fugir do chamado mesmo diante das ruínas da vida.*

SUMÁRIO

Introdução	11
ATO I: A MISSÃO QUE ARRUÍNA O PROFETA	
1. Quando Deus sente nosso cheiro, profetas precisam se levantar (Jonas 1.1-2)	17
2. Deus está na violência (Jonas 1.3-4)	28
ATO II: UM NAVIO RUINDO NO MAR	
3. Seja feita a vontade de cima, mas preferia ter morte seca (Jonas 1.5-6)	39
4. Por seis vezes foi melhor ser pagão (Jonas 1.7-10)	48
5. Prefiro morrer a me arrepender (Jonas 1.11-13)	58
6. Conversões em sete estágios (Jonas 1.14-16)	68
ATO III: AFUNDANDO NAS RUÍNAS DA ALMA	
7. Um altar na terceira margem do rio (Jonas 1.17—2.1)	83
8. Um salmo no estômago do inferno Parte 1: conversão no leito de morte (Jonas 2.2-4)	95
9. Um salmo no estômago do inferno Parte 2: deixai toda esperança, vós que entraís (Jonas 2.5-9)	107
10. Como nasce um missionário (Jonas 2.10—3.3a)	117
ATO IV: A RESTAURAÇÃO DOS ARRUINADOS	
11. Antes que Deus nos encontre (Jonas 3.3b-6)	131
12. A salvação do governante (Jonas 3.6-9)	140
13. O que faz Deus mudar de ideia (Jonas 3.10)	150

ATO V: ENCARANDO A PRÓPRIA RUÍNA

14. A ira do racista (Jonas 4.1-3)	161
15. O Deus das terceiras chances (Jonas 4.3-5)	170
16. Baixo marulho ao alto rujo (Jonas 4.6-9)	177
17. A improvável misericórdia de Deus (Jonas 4.10-11)	188

ATO VI: SOBRE RUIR NOVAMENTE

18. A morte de Sócrates (Naum 1.1)	199
19. Deus está pacientemente afiando sua espada (Naum 1.1)	205
20. Angústia sem refúgio (Naum 1.7-10)	215
21. Cristofobia, mas só por enquanto (Naum 1.11-15)	221
22. Restaura nossa glória (Naum 2.1-2)	230
23. Quando Lisboa tremeu (Naum 2.3-10)	237
24. O leão e a prostituta (Naum 2.11—3.7)	245
25. Enquanto Deus despedaça os filhos, os santos aplaudem a destruição (Naum 3.8-19)	253

Notas	262
Agradecimentos	269
Sobre o autor	271

Faço das ruínas recreio.

OS LACRAUS

*Você alguma vez já teve a sensação de que as pessoas
são incapazes de não se importar?*

CHARLIE, EM *A BALEIA*

INTRODUÇÃO

Quando realizei o sonho de conhecer o museu do Louvre, em Paris, precisei montar um pequeno mapa das peças que não podia deixar de ver. Passei pelo Código de Hamurabi, o primeiro código de leis da história; pelo quadro *A Liberdade guiando o povo*, de Eugène Delacroix, em comemoração à Revolução de julho de 1830; e obviamente enfrentei as imensas filas em busca de uma foto da Vênus de Milo e da Mona Lisa.

No meu mapa, porém, havia uma parada menos famosa, localizada no pavilhão de antiguidades gregas. É lá que fica o não tão badalado Torso masculino de Mileto, uma peça de mármore datada de 480 a.C., encontrada no sudoeste da atual Turquia, na região de Mileto. A estátua representa um torso jovem sem a cabeça, os dois braços e as pernas (a perna direita vai até acima do joelho). Diante das maravilhas que inundam o Louvre, essa escultura arruinada não atrai muita atenção.

O que tornava essa antiga escultura importante para mim não era a peça em si, mas a descrição que fizera dela o poeta austríaco Rainer Maria Rilke. Em 1902, Rilke foi a Paris para conhecer o escultor Auguste Rodin, com o objetivo de escrever um ensaio sobre ele. No entanto, ficou tão admirado com as obras do escultor que permaneceu em Paris por quatro anos, chegando a se tornar secretário de Rodin. Foi nesse período que Rilke escreveu o poema “Torso arcaico de Apolo”, inspirado no Torso masculino de Mileto, que ele encontrara diversas vezes no Louvre. Em tradução de Karlos Rischbieter, o poeta diz:

Não conhecemos sua cabeça legendária
na qual as pupilas maturavam. Porém
seu torso ainda arde como uma luminária,
em que seu olhar, mais ténue, se detém,

fica e brilha. Senão o leve reflexo
da curva do seu peito não te cegaria,
nem o sorrir, no giro dos quadris, iria
correr para esse centro que portava o sexo.

Seria apenas uma pedra deformada
sob os ombros de diáfana derrocada
e como pelos de fera não brilharia
e nem teria toda sua forma rompida
como uma estrela: lugar não haveria
que não te veja. Precisas mudar tua vida.¹

Embora nunca tivesse visto a cabeça da estátua, Rilke sabia que deveria ser incrível, que o olhar deveria ser ténue, como o brilho da escultura. Todo o poema é uma ode à beleza de uma escultura que, de tão bela, permite sentir-nos observados pelos olhos que lhe faltam. Pode parecer intrigante que o poeta se sinta observado por uma estátua sem cabeça, mas é a partir da maravilha artística do torso que ele imagina a imponência e o carácter arrebatador de sua cabeça.

Este mundo é uma grande escultura quebrada e, como Rilke, somos observados por olhos que não podemos contemplar. Não vemos Deus, mas podemos nos sentir observados por aquilo que não está explícito no mármore arruinado da existência. Uma vez que o que contemplamos da escultura de Deus é tão magnífico e poderoso, como será o que ainda não vemos — o próprio autor do torso da vida?

Mas eram os versos finais que me intrigavam, e era deles que eu me lembrava, em pé, na sala 172 da ala Denon do Louvre, em frente àquela peça de pouco mais de um metro: “lugar não haveria que não te veja”. Porque aqueles olhos deveriam ser incríveis, ainda que perdidos para sempre, aquela escultura estará nos observando com sua cabeça lendária em qualquer lugar em que estivermos. Por isso, Rilke atribuiu aquele torso a Apolo, uma divindade, mesmo sem nenhuma indicação de se tratar da escultura de um deus. Apenas uma divindade poderia nos enxergar tão profundamente por meio de olhos que não podem ser contemplados. E o que isso cobra de nós? A poesia encerra com um mandamento: “Precisas mudar tua vida”. Ninguém pode ser contemplado tão profundamente e continuar vivendo do mesmo jeito. A experiência de Rainer Maria Rilke

é a experiência de quem entende que é visto. É a experiência de quem precisa mudar de vida por já não conseguir fugir daquele olhar lendário.

Os cristãos não acreditam na divindade de Apolo, mas acreditam em um único Deus que habita os altos céus. Embora invisível, esse Deus sempre nos contempla, com olhos de fogo, por dentro e por fora, onde quer que estejamos, e nos conclama a mudar de vida. Ele nos criou, revelou-se em Cristo Jesus e habita no meio de nós. Ele é Deus presente.

Tentar fugir de Deus é como tentar fugir da própria pele, do próprio corpo. É como tentar fugir do oxigênio, da pressão sanguínea. Não se trata dos olhos maduros de uma estátua de mármore decepada, mas dos olhos daquele que criou todas as coisas com o poder da voz. Cristãos não são panteístas — não cremos que *tudo é Deus* —, mas cremos que por ser onipresente o Senhor está ao redor de tudo, perto de tudo, ciente de tudo, tornando-se, desse modo, absolutamente inescapável. Ele está tão próximo quanto a pele está próxima do corpo.

O apóstolo Paulo, em sua ousada sabedoria, disse que “nele vivemos, nos movemos, e existimos” (At 17.28). Isto é, mesmo em nossas rebeliões, estamos sob a mão dele. Mesmo em nossos piores pecados, Deus está ao nosso lado, estendendo uma mão de misericórdia e alertando do perigo da ira vindoura. Não estaríamos livres de Deus nem se nos fosse possível criar o nosso próprio universo, totalmente novo e independente deste. O Senhor ainda seria Rei sobre todos, já que de sua Palavra todos saímos e por meio de sua vontade fomos criados.

Os livros de Jonas e Naum mostram em detalhes a incapacidade humana de fugir de Deus. E vão além: mostram como nossas fugas de Deus se manifestam como fuga do outro, como o arrependimento genuíno se manifesta mesmo naqueles que naturalmente odiaríamos, como o coração carece de perdão em nosso egoísmo cultural e como este mundo de violência pode ser alcançado por aqueles que não fogem da missão. Mostram, enfim, que, se seus olhos nos contemplam, é urgente que mudemos de vida.

Nas próximas páginas, falaremos sobre esses dois profetas menores juntos porque ambos narram a história da mesma cidade, Nínive, capital do antigo Império Assírio, um dos mais poderosos e influentes da antiguidade. Apesar de sua grandeza, contudo, Nínive eventualmente entrou em declínio e foi destruída.

Fugir de Deus é impossível, e não apenas Jonas, mas toda a população de Nínive provou isso na pele. Nas ruínas da vida, só podemos ser restaurados pelo amor de Deus. Nas páginas a seguir, quero mostrar como Rainer Maria Rilke não chegou sequer perto de entender o que é ser observado por um ser realmente divino.



ATO I:



A MISSÃO
QUE ARRUÍNA
O PROFETA



1

QUANDO DEUS SENTE NOSSO CHEIRO, PROFETAS PRECISAM SE LEVANTAR

JONAS 1.1-2

Se existe algo em que homens e mulheres são diferentes é na tolerância a mau cheiro. Tenho uma tese de que as mulheres possuem uma tolerância a odores desagradáveis muito menor que os homens. Certo dia, Isa, minha esposa, jogava baldes e baldes de água com desinfetante, sabão, detergente e ácido sulfúrico no quintal. Então se sentou, respirou profundamente e disse: “Nossa, que insuportável esse cheiro de barata”. Eu não sentia nada. Nem sabia que barata tinha cheiro.

Mulheres, geralmente, gostam de tudo cheiroso. Homens, geralmente, mantêm uma relação diferente com o cheiro. Penso que nós, homens, vamos acumulando mau odor até a medida do insuportável. É justamente aqui que mora um dos maiores conflitos do meu casamento — a questão do lixo. Lá em casa, temos divisões claras de papéis, e colocar o lixo para fora é função minha. O carro do lixo passa às terças, quintas e sábados pela manhã, exatamente no horário em que acordo. Minha filosofia é: acordo, escovo os dentes, desço as escadas e olho se ainda tem algum lixo na rua. Se tiver, significa que o caminhão não passou, e posso colocar o lixo para fora. Se não tiver, significa que o caminhão já passou e vou deixar os sacos de lixo no quintal até o próximo dia de coleta.

Mas, às vezes, o caminhão teima durante vários dias em passar antes do meu horário de acordar, e o lixo começa a acumular no quintal, sob protestos da minha esposa. O cheiro começa a se tornar insuportável

— não para mim, mas para minha esposa. Nesse momento, entendo que preciso sair da zona de conforto, ser o homem da família, mostrar que estou disposto a me sacrificar pela minha casa — e então ponho o alarme para tocar dez minutos mais cedo.

Quando sua esposa reclama de mau cheiro, você precisa se levantar e fazer alguma coisa. E se eu disser que ocorre o mesmo com Deus? Quando ele sente nosso cheiro, profetas precisam se levantar. É o que aconteceu com Nínive, uma cidade cujo cheiro do pecado acumulado se tornou tão insuportável que Deus precisou levantar um profeta para pregar sua condenação: “A palavra do SENHOR veio a Jonas, filho de Amitai, dizendo: — Levante-se, vá à grande cidade de Nínive e pregue contra ela, porque a sua maldade subiu até a minha presença” (Jn 1.1-2). O pecado havia se acumulado como lixo no quintal, e aquele lixo do pecado não prejudicou apenas a saúde dos vizinhos — seu odor pútrido chegou ao trono da habitação de Deus.

E, quando o cheiro se torna insuportável, profetas acordam mais cedo.

O PROFETA: QUEM É JONAS?

A única descrição que temos de Jonas no livro que leva seu nome é que ele era filho de Amitai. Mas, quando olhamos para 2Reis 14.24-26, encontramos mais pistas:

Jeroboão fez o que era mau aos olhos do SENHOR. Jamais se afastou de nenhum dos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, que este levou Israel a cometer. Restabeleceu os limites de Israel, desde a entrada de Hamate até o mar da Arábia, segundo a palavra do SENHOR, Deus de Israel, anunciada por meio de seu servo Jonas, filho de Amitai, o profeta, que era de Gate-Hefer. Porque o SENHOR viu que a aflição de Israel era muito amarga, porque não havia nem escravo, nem livre, nem quem socorresse Israel.

Pelo texto, podemos entender que se trata do mesmo profeta.

Jonas era filho de outro profeta, Amitai, e exerceu seu ministério nos tempos de Jeroboão II, que reinou de 793 a 753 a.C., em Israel, sendo, portanto, contemporâneo dos profetas Amós e Oseias.

O texto diz que Jonas profetizou acerca da expansão do povo durante o reinado de um homem que fez o que era mau aos olhos de Deus

(2Rs 14.24), e que manteve o povo em um caminho de pecado. Ou seja, o reino do Norte havia progredido em um tempo de pecado. Geralmente, quando Israel estava em pecado, guerras eram perdidas, e o povo, amaldiçoado por Deus. Mas não foi o que aconteceu nesse período. Isso faz de Jonas um profeta muito estranho. Em um momento, nós o vemos profetizar sobre o estabelecimento militar e territorial de Israel contra povos gentílicos apesar do pecado de Israel, e mais adiante, quando enviado a uma terra gentílica, o vemos incomodado por pregar arrependimento aos gentios. Aparentemente Jonas era um homem apegado a seu povo. Sentia-se feliz com as vitórias militares de Israel e desejava que a ira de Deus recaísse sobre outros povos.

Por meio do livro que leva seu nome, veremos que Jonas se torna um paradigma do povo de Israel. O nome Jonas significa “pomba”, e Oseias, seu contemporâneo, compara Israel a uma pomba por causa da tolice do povo (Os 7.11). Jonas, portanto, é um paradigma dos pecados nacionais de Israel na história ao rejeitar a realidade de que Deus pode levar salvação a outros povos. Deus trata Jonas para tratar de todo o povo, o que significa que nós também temos muito a aprender com o modo como Deus lida com o profeta.

A CIDADE: QUEM É NÍNIVE?

Nínive é mencionada pela primeira vez em Gênesis 10.11, como uma cidade fundada por Ninrode. Ficava localizada às margens do rio Tigre, atualmente o norte do Iraque. Foi um dos impérios mais poderosos e influentes da antiguidade, florescendo durante os períodos conhecidos como o Antigo Império Assírio (2025–1750 a.C.) e o Império Neoassírio (911–609 a.C.). Mais conhecida por sua riqueza, extensão e importância cultural, Nínive era cercada por muralhas massivas e imponentes que se estendiam por muitos quilômetros, o que a tornava uma das cidades fortificadas mais impressionantes de seu tempo. Dona de um poderio militar invejável, era violenta contra os inimigos, e se orgulhava disso.

Os assírios eram inimigos políticos de Israel, tendo derrotado o reino do Norte em 722 a.C. Durante os tempos de Jeú, Israel foi forçado a pagar tributo ao rei assírio Salmaneser III. Outras referências nos profetas expressam o ódio a Nínive pelos prejuízos causados a Israel e às nações vizinhas.

Havia um desejo claro de justiça e mesmo de vingança contra esse inimigo considerado desprezível (veja, por exemplo, Sf 2.13-15 e o livro de Naum).

É nesse contexto histórico que se dá a comissão de Jonas para ir a Nínive. Os assírios haviam subjugado o povo de Deus e agora receberiam um profeta de Deus — aqueles que se consideravam poderosos estavam prestes a conhecer a sua fragilidade.

Embora o texto de Jonas 1.2 defina Nínive como a “grande cidade”, ela entrou em declínio e foi destruída por volta de 612 a.C., quando foi invadida por uma coalizão de inimigos, liderada pelos babilônios e os medos. A queda de Nínive marcou o fim do Império Neoassírio e a ascensão da Babilônia como uma grande potência na região. Hoje, as ruínas de Nínive são um importante sítio arqueológico e parte do patrimônio cultural do Iraque, embora tenham sido alvo de destruição e danos significativos durante os conflitos recentes na região. Elas representam uma janela para o passado e uma oportunidade para entender melhor a história da Mesopotâmia.

À medida que nos aprofundamos nas narrativas de Jonas e Naum, não apenas desvendamos as lições escondidas nessas páginas antigas, mas também encontramos conexões surpreendentes entre as ruínas daquela cidade e daquelas almas com nosso próprio tempo e experiências.

O SENHOR: QUEM FALA?

O texto diz que a Palavra do Senhor vem a Jonas. Há um Deus que age e, quando ele fala, nem o profeta fica em paz, nem a cidade consegue seguir seu curso conforme os próprios interesses.

Deus não é passivo nem omissivo em relação à maldade do mundo. Ele vê as injustiças, os poderosos que prejudicam os fracos, os criminosos que vitimam os justos. Ele vê a tirania política e econômica, vê a violência. Mas Deus é maior do que esse exercício de maldade. Nínive acreditava ser maior que todos, que sua crueldade era intocável e imparável, que seu exército era invencível e que seus muros eram inexpugnáveis. Quem poderia parar Nínive?

No entanto, o cheiro do seu pecado se acumulava diante do Senhor. Leslie Allen diz de forma muito simples que “se Nínive é grande, Deus é maior, pois fala do alto do céu”.¹ Por maior que seja qualquer cidade humana, há um Deus que está muito acima de tudo aquilo que está fincado

na terra. Toda cidade precisa ter seus alicerces fundados no chão. Porém, há um Deus que habita no alto lugar. Por isso, os poderes deste mundo não são nada diante daquele que fala do seu trono. Deus é mais alto do que todas as corporações, conglomerados, poderios militares, maior que quaisquer pessoas ou instituições que usem seus poderes para abusar de outros. Nenhuma bomba atômica é mais poderosa ou estrondosa que a fala daquele que habita os altos céus.

A Bíblia mostra que Deus se comunica de várias formas com aqueles que ele escolhe. Em Hebreus 1.1-2, lemos: “Antigamente, Deus falou, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, mas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual também fez o universo”.

Jonas era um legítimo profeta. Agia a partir daquilo que Deus falava. A mensagem de Jonas foi particular e específica para ele. Deus fala conosco de maneira geral, por isso tendemos a achar que se trata de uma comunicação inferior a sua Palavra. Mas se trata justamente do contrário. Jonas daria tudo para ter o que temos. Moisés, aquele que era descrito como o amigo de Deus, daria tudo para ter a revelação completa de Cristo na Palavra de Deus. Não somos Jonas, com uma mensagem específica para ir a Nínive, mas Deus nos dá uma mensagem profunda e poderosa em sua Palavra, que nos faz agir contra os males deste mundo e resistir, com a força do Senhor, aos valores das “Nínives” que nos rodeiam.

Entretanto, embora não seja comum, acredito que Deus possa falar conosco de maneira especial, nos impulsionando a agir conforme o seu querer. É o que acontece quando entendemos ser chamados ao ministério ou a alguma causa específica.

É o que Deus faz com Jonas. Dá-lhe uma missão.

A MISSÃO: PARA O QUE JONAS FOI CHAMADO?

A missão de Jonas é pregar. A fórmula “levante-se, vá até a cidade...” é bastante comum (1Rs 17.8). Deus aparecia e ordenava que o profeta seguisse novo rumo. Ele deveria levar a mensagem de Deus a uma cidade estrangeira, porque Deus se importa com o resto do mundo. Embora Nínive fosse uma cidade cheia de pecados, Deus tinha uma mensagem para ela.